

EM DEBATE

Opinião Pública e Conjuntura Política

2010

Grupo de Pesquisa “Opinião Pública: Marketing Político e Comportamento Eleitoral”



DOSSIÊ: MÍDIA GANHA ELEIÇÃO?

John Dryzek
Dalmir Francisco
Vera Chaia
Luiz Lourenço



OPINIÃO

Dalmo Dallari
Aquiles Magide

Universidade Federal de Minas Gerais
Av. Presidente Antônio Carlos, 6627
Campus Pampulha - CEP: 31.270-901
Belo Horizonte - MG - Brasil
Tel: (31) 3409-5007



MÍDIA, DELIBERAÇÃO E OPINIÃO PÚBLICA

Media, Deliberation and Public Opinion

John Dryzek

Australian National University

✉ John.Dryze@anu.edu.au

A equipe do **Em Debate** entrevistou o professor da Universidade Nacional Australiana, especialista em democracia deliberativa, na qual ele falou sobre o papel da mídia e dos processos deliberativos na formação da opinião pública.

Em Debate: Professor, o Senhor considera que os meios de comunicação, hoje, atuam como um *locus* de deliberação pronto a receber os fluxos comunicacionais advindos da periferia do centro político administrativo?

John Dryzek: Bom, não sou um estudioso da mídia, mas penso que a mídia tem um importante papel a desempenhar em qualquer democracia deliberativa. Isto é, assim que pensamos em deliberação na grande esfera pública, o papel dos meios de comunicação torna-se crucial. Mas, evidentemente, o desempenho da mídia pode também ser problemático, por razões bem conhecidas, em termos de sua dominação por... Bem, alguns imperativos comerciais e a falta de coberturas deliberativas. Então, penso que a mídia é essencial, mas também problemática, atuando, sim, nesse fluxo comunicativo.

ED: Para haver um processo deliberativo é necessária a interação discursiva sem coerções entre sujeitos moral e politicamente iguais, com vistas à prevalência do melhor argumento. As pessoas, em geral, têm interesse e especialização - conhecimento – necessários para participar deste debate?

JD: Penso que as pessoas, em geral, são capazes de participar deste debate. E penso que as pessoas comuns são capazes. O que ocorre é que não é fornecida a elas a oportunidade de participar. Há duas maneiras de responder a esta pergunta. Uma é dizer que a conversa diária possui um papel no sistema deliberativo. E isso é o ponto tratado em um *paper* muito importante de James Mansbridge, o qual foi publicado em 1999. A conversa diária não aparenta ser deliberativa. Mas ela tem um importante papel a desempenhar, apenas não atinge a consciência das pessoas em termos de que a discussão de assuntos cotidianos pode transmitir resultados para dentro da arena deliberativa. É claro que a maioria das pessoas que engajam seu direito na conversa cotidiana nem sempre realiza essa transição. Mas penso que, bom, ao menos em minha experiência, a maioria dos indivíduos é capaz de realizar essa transição, caso seja fornecida a eles a ocasião apropriada, a oportunidade apropriada. É por isso que tenho interesse em assuntos como os fóruns de participação popular, o Parlamento Popular Australiano¹, o qual eu recentemente ajudei a organizar. É realmente impressionante como as pessoas têm interesse, envolvimento e opinião em relação à política se a elas é proporcionada a oportunidade de participar, quando estão em uma situação na qual elas têm tempo, têm informação, têm o acesso a conhecimentos especializados, têm facilitação daquela discussão. É impressionante o que podem fazer e como podem contribuir para a idéia da democracia deliberativa.

ED: A pesquisadora alemã Noelle-Neumann, na teoria da espiral do silêncio, defende que a mídia e a opinião pública tendem a reforçar o discurso hegemônico. Como as minorias, os sujeitos simbolicamente estigmatizados, podem reverter o processo de interação discursiva a seu favor?

JD: Bem, em parte trata-se de ativismo público e acredito... Bom... Acredito em algo defendido por Ricardo Fabrino. É muito uma questão desse tipo de ativismo, o qual pode introduzir vozes diferentes e marginalizadas na deliberação pública. Então, acredito que isto seja uma parte importante. Sim, eu entendo a dinâmica da espiral do silêncio, mas me parece que existem também formas de quebrar essa espiral. Certamente o ativismo político seria uma delas, assim como o desenho de diferentes processos em que pode ser dada voz às pessoas, de forma que elas não se sintam socialmente

¹ O Parlamento Popular Australiano compreende a idéia de provocar mudanças no processo de discussão e tomada de decisões políticas. Seu funcionamento ocorre a partir de uma seleção aleatória de 150 cidadãos australianos que discutem e conversam sobre as resoluções de problemas e propostas políticas para, em seguida, entregar as suas recomendações ao “Old Parliament House” Para mais informações, recomenda-se o acesso ao site www.citizensparliament.org.au.

constrangidas em dizer o que pensam, de forma que sejam criadas situações em que as pessoas possam realmente expressar sua verdadeira opinião ao invés das socialmente aceitas.

ED: A chamada esfera pública virtual e os meios de comunicação têm um papel cada vez mais central na política contemporânea. Mas, como exercer esse papel em um contexto de alta concentração da mídia, como ocorre no Brasil?

JD: Penso que a mídia é ainda mais concentrada na Austrália. Temos provavelmente duas ou três grandes corporações que dominam toda a mídia no país. Isso é um verdadeiro problema. Quero dizer, o lado bom é que, certamente, com a internet, temos acesso a fontes de informação mais alternativas, podendo a internet ser fonte de informação inclusive em outros países. Evidentemente o problema é que... Bom, uma minoria da população tem acesso à internet. Na verdade, provavelmente não uma minoria, mas uma minoria tem um acesso qualificado ao uso das diversas fontes na internet, o que pode ser outro problema. Mas penso que, certamente, novas tecnologias de comunicação, especialmente a internet, proporcionam uma diversidade maior de fontes de informação, de forma a ajudar a contrapor à concentração da propriedade das fontes de informação. Acho que ainda há um importante papel para uma abordagem mais condicionante que pode ser exercida através da presença de corporações públicas de transmissão e comunicação. Assim, não sei se vocês têm isso no Brasil, mas, na Austrália, temos o Conselho Australiano de Comunicação (*Australian Broadcasting Council*), que coordena a televisão e a rádio que são publicamente financiadas, não pertencentes a corporações privadas, ou seja, que não dependem da receita de propagandas, permitindo que ainda haja vozes mais independentes em vários assuntos, inclusive, vozes em que penso que muitas pessoas acreditam mais do que as da mídia privada.

ED: Alguns teóricos, como Bernard Manin, defendem que hoje os partidos não são mais o principal elo entre os governantes e o eleitorado. De que forma poderia, então, ser reconstituído esse elo (entre representantes e representados)?

JD: Parece mesmo que os partidos políticos estão em declínio. Não sei qual é a situação no Brasil, mas acho que, na maioria dos países, a adesão aos partidos diminui cada vez mais e há apenas uma base social muito estreita na filiação de cada partido, de forma que não há muito espaço para os canais (inaudível) dos

partidos, pelos quais a opinião pública é representada no sistema. É claro que os partidos políticos e os políticos eleitos reivindicam que, ainda assim, são legítimos representantes, com base no fato de que são eleitos. Bem, isso é verdade, mas acho que, em um mundo complexo, é muito difícil para os partidos políticos e os políticos eleitos representarem toda a diversidade de preocupações que existe na sociedade, aquelas que podem estar dispersas em várias consciências políticas, que podem ser muito difíceis de serem articuladas em uma campanha eleitoral. Portanto, acho importante se ter diferentes tipos de representantes. Eu mesmo trabalhei com a idéia de representantes discursivos; que representa sistematicamente a variedade de discursos na sociedade. Outras pessoas têm falado muito sobre outros tipos de representantes não-eleitos tendo um papel revisor, (inaudível), eles podem representar movimentos sociais, eles podem representar novas preocupações, as quais provavelmente... As quais podem não ser generalizadas o suficiente a ponto de serem realmente refletidas na política eleitoral, ao menos se você não pode ser eleito, ou se você apenas fundamenta essa preocupação. Portanto, é apenas uma... Acho que é importante se ter diferentes tipos de representação. A representação eleitoral é ainda crucial, naturalmente as eleições continuam a desempenhar um papel, mas penso que deve ser complementada com outras formas de representação, apenas para assegurar que todo o leque de preocupações, e interesses, e discursos estejam representados.

ED: Como a conjunção das instâncias deliberativas e representativas pode aperfeiçoar o sistema democrático?

JD: Essa é uma grande pergunta. Acho que há muitas maneiras disso ser realizado. Obviamente, sou um adepto da democracia deliberativa, tenho trabalhado nessa área desde... Bem, na verdade desde antes de eu ter um nome, por volta de trinta anos atrás. E vejo que a deliberação pode, fórmulas deliberativas podem contribuir de várias formas diferentes, elas ajudam em uma resolução mais efetiva de problemas sociais, dando voz à variedade de perspectivas a respeito de assuntos complexos, que podem ser integradas na resolução desses problemas. Essa é apenas uma maneira. Uma segunda forma é que a democracia deliberativa tem, penso um valor inerente (intrínseco) a ela, no sentido de permitir que as pessoas dêem voz às suas preocupações, e ela pode também contribuir para a legitimação das decisões coletivas. Quero dizer, essa é uma das idéias essenciais da democracia deliberativa, que uma repartição da (legitimidade) seja estendida às pessoas que estão sujeitas a ela; Em Debate, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 5-9, set.2009.

que tenham uma chance, ou o direito, ou uma oportunidade e a capacidade de participar do processo deliberativo. Então, acho que há várias maneiras da deliberação melhorar a forma como funciona a política. Ela pode, evidentemente, ser combinada com a democracia representativa. E às vezes... frequentemente pensamos a deliberação e a representação como pertencentes a diferentes esferas, mas isso não é necessariamente verdade. Podemos pensar em formas de fazer da democracia representativa mais deliberativa. Assim, há trabalhos sendo realizados a respeito de como os parlamentos, por exemplo, podem se tornar mais deliberativos. E assim devemos pensar sobre as formas que os fóruns de participação popular podem se ligar mais proximamente com a democracia parlamentar. Em vários sistemas, os membros do parlamento pensam que são o centro da política, que eles é que deveriam debater, e não estão realmente interessados em fóruns de participação popular. Podemos, ainda, imaginar uma aproximação dos fóruns de participação popular e dos parlamentos, algo que tem sido realizado em alguns países. Isso tem sido feito, de maneira bem sucedida, por exemplo, na Dinamarca, onde o parlamento deve sempre, isto é, por lei, deve responder (ser sensível) a recomendações de tipos particulares de fóruns de participação popular. Então, há, certamente, muitas formas em que a combinação pode ser muito frutífera.

Roteiro: Helcimara de Souza Telles e Carlos Eduardo Freitas (DCP/UFMG)

Entrevista: Aline Burni*

Tradução: Aline Burni e Fábio Bouzada**

* Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG - vinculado ao projeto “Opinião Pública: Partidos Políticos e Comportamento Eleitoral” do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais.

** Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq - vinculado ao projeto “Opinião Pública: Partidos Políticos e Comportamento Eleitoral” do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais.

Em Debate, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 5-9, set.2009.